

Foucault, a genealogia das técnicas de decifração do si e do sujeito moderno em *A hermenêutica do sujeito*

*Foucault, the genealogy of the techniques of deciphering the self
and the modern subject in The hermeneutics of the subject*

Celso Kraemer

Universidade Regional de Blumenau (FURB), Brasil
celsok@furb.br

Resumo: A partir do curso *A hermenêutica do sujeito*, de Michel Foucault, o presente texto analisa a temática do cuidado de si situando-o no âmbito das tecnologias do governo, na abordagem arqueológica e genealógica. Considerando-se os quatro últimos cursos anteriores, *Segurança, território, população* (1977-1978), *Nascimento da biopolítica* (1978-1979), *Do governo dos vivos* (1979-1980) e *Subjetividade e verdade* (1980-1981), verifica-se que *A hermenêutica do sujeito* (1981-1982) se inscreve na mesma problemática da governamentalidade. Sujeito e hermenêutica percorrem a filosofia de Foucault desde a década de 1950. Para ele, o cuidado de si não manifesta uma instância salvadora do sujeito, mas situa a relação poder, verdade e sujeito numa trama mais complexa do que havia considerado nos trabalhos mais marcantes da década de 1970.

Palavras-chave: técnicas de decifração; cuidado de Si; tecnologias de governo; sujeito; hermenêutica.

Abstract: Based on Michel Foucault's course *The Hermeneutics of the Subject*, this text analyzes the theme of care of the self, situating it within the scope of governmentality technologies, using archaeological and genealogical approaches. Considering the four previous courses—*Security, Territory, Population* (1977-1978), *The Birth of Biopolitics* (1978-1979), *On the Government of the Living* (1979-1980), and *Subjectivity and Truth* (1980-1981)—it is evident that *The Hermeneutics of the Subject* (1981-1982) aligns with the same issues of governmentality. Subject and hermeneutics have been central to Foucault's philosophy since the 1950s. For him, the care of the self does not represent a salvific instance of the subject but situates the relationship between power, truth, and the subject within a more complex web than what he had considered in his most influential works of the 1970s.

Keywords: deciphering techniques; care of oneself; technologies of governance; subject; hermeneutics.

Fecha de recepción: 31/07/2025. Fecha de aceptación: 12/12/2025.

Apresentado no Simpósio Nacional 40 anos de *A hermenêutica do sujeito*, de Michel Foucault, de 20 a 24 de Junho de 2022. O Simpósio foi organizado por Tereza C. Calomeni, professora do Programa de Pós-Graduação em Filosofia e do Departamento de Filosofia da Universidade Federal Fluminense (UFF).

Celso Kraemer (brasileiro) é Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Professor de Filosofia da Universidade Regional de Blumenau (FURB), desde 1991, e Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação da mesma Universidade. Desenvolve pesquisas nas áreas Filosofia da Educação, Epistemologia da Educação, Filosofia Política, Filosofia Contemporânea, com ênfase em autores franceses e alemães.

1. Introdução

Em homenagem aos 40 anos do curso *A hermenêutica do sujeito*, este texto se coloca como uma provocação entre as muitas vias de leitura e *interpretação* já abertas e desenvolvidas sobre seu sentido na obra de Michel Foucault. Há um extenso *corpus* de artigos, teses, dissertações, palestras e anais de eventos, em diferentes áreas do saber humano, das artes à educação e à pedagogia, da filosofia ao direito, da psicologia à enfermagem, que toma elementos conceituais deste curso para pensar realidades ou propor *novas* práticas a partir de conceitos como *cuidado de si*, *práticas de si*, *estética da existência*, *técnicas de si*, e que está longe de manifestar uniformidade *hermenêutica*. Os usos e as interpretações do que Foucault *queria*¹ fazer ou do que teria *proposto* são muito variados, efetivando diferentes interpretações sobre os propósitos de Foucault com seu estudo de um período singular do Ocidente, da Grécia Clássica ao início da Era Cristã, chamado por alguns de uma *volta*² aos gregos. As interpretações oscilam. Alguns encontram uma espiritualidade, um Foucault engajado em propor formas (em geral individuais) de superação dos regimes de dominação ou de desesperança de nosso tempo, em direção à constituição de um sujeito autônomo, capaz de governar a si mesmo. Outros encontram no curso uma filosofia prática de Foucault, como a tese de Daniel Luís Cidade Gonçalves³. Outros, ainda, conseguem ver no curso o aparecimento de uma terceira metodologia de Foucault: além da arqueologia e da genealogia, haveria uma hermenêutica, um Foucault da Hermenêutica⁴, como a tese de Guilherme de Freitas Leal⁵.

A estratégia desenvolvida no presente texto é a de *fugir* destas linhas interpretativas e colocar o curso *A hermenêutica do sujeito* na sequência dos cursos de Foucault deste período, explorando o que os liga objetivamente, evidenciando, com isto, sobretudo, a atuação da genealogia em suas pesquisas acerca da Antiguidade. Para tanto, retomam-se rapidamente os quatro últimos cursos anteriores, intitulados *Segurança, território, população* (1977-1978), *Nascimento da biopolítica* (1978-1979), *Do governo dos vivos* (1979-1980) e *Subjetividade e verdade* (1980-1981), para, em seguida, se retomarem as questões inerentes ao curso *A hermenêutica do sujeito* (1981-1982).

O curso *Segurança, território, população*, de 1977-1978, é emblemático na trajetória de Foucault. Se comparado ao conjunto de suas pesquisas e trabalhos,

1 Às vezes o tom de abordagem fica parecido com o discurso de religiosos quando falam sobre *a vontade de deus*, o que deus *queria* que os humanos fizessem. Veja-se que estes discursos ocorrem no interior de instituições e a tal *vontade de deus* é um recurso retórico que visa a fortalecer os interesses políticos (e morais) da instituição.

2 Embora apareça em diversos momentos dos debates acerca destas pesquisas de Foucault, a ideia de *volta* explicita uma tendência interpretativa dos que professam tal *volta*, a de que Foucault teria *ido* aos gregos na busca de novas propostas para as questões da atualidade.

3 GONÇALVES, Daniel Luís Cidade. *Da obediência à liberdade: a filosofia como um modo de vida em Michel Foucault*. Tese para obtenção do grau de Doutor em Filosofia. Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2017.

4 Marcos Nalli, em *Foucault e a fenomenologia*, explora o Foucault dos anos de 1950 e início dos anos de 1960, sem envolver as discussões acerca do curso *A hermenêutica do sujeito*.

5 LEAL, Guilherme de Freitas. *Foucault e a filosofia: da crítica do Mesmo à abertura para o Outro*. Tese apresentada para obtenção do grau de Doutor em Filosofia. Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, 2022.

desde 1954, quando da publicação de seu primeiro livro, *Doença mental e personalidade*, este curso atravessa duas barreiras, uma, temporal e outra, temática.

Na barreira temporal, Foucault ultrapassa a modernidade à qual havia dedicado suas pesquisas desde os anos de 1950. Neste curso, vai à gênese de práticas muito antigas, localizando-as muito além da Idade Média, além, inclusive, da Antiguidade grega, no Oriente pré-cristão e no Oriente cristão⁶. Nitidamente, ele rompe a genealogia de nossa modernidade (Renascença e Período Clássico), como «fundação» do que somos, e *espicha* o olhar para outras épocas, de onde faz verter a gênese da noção de poder pastoral, que constitui uma complexa tecnologia de governo, sendo, este último, um conceito-chave no conjunto de mudanças, sobretudo temáticas, de suas pesquisas.

Os temas com os quais abordou a modernidade (a loucura, as ciências, a psiquiatria, os direitos, a disciplina, os dispositivos de sexualidade) dão espaço para novas temáticas. O tema que Foucault buscou mais longinquamente foi o do conceito de poder pastoral. Além da noção de poder pastoral, também aparecem as noções de revoltas de conduta e artes de governar. Se, nos cursos seguintes, a noção de poder pastoral vai desaparecendo, a noção de governo, com suas implicações em questões como ascese, técnicas de si, subjetivação, verdade, permanece até seu último curso. O conceito de governo/governamento, elaborado e aprofundado já no curso *Segurança, território e população*, de 1978, é signo relevante da virada que perpassa suas análises, tanto no sentido da análise das técnicas neoliberais de constituição do *homo oeconomicus*, abordado no curso do ano seguinte, *Nascimento da biopolítica*, quanto no da exploração das complexas técnicas que envolvem temas como verdade, subjetividade, governo, trabalhados em seus quatro últimos cursos, entre eles *A hermenêutica do sujeito*.

O que se evidencia nesta análise é que, ao abrir o espectro histórico e temático, Foucault dá outro enfoque aos questionamentos acerca dos modos como atuam as técnicas da constituição de si, interrogando os modos como «os seres humanos tornaram-se sujeito»⁷. É neste questionamento que a ampliação temporal de suas pesquisas enfoca as temáticas de governo, relacionando subjetividade, verdade e técnicas de si.

Como é sabido, o curso do ano seguinte, *Nascimento da biopolítica*, não aborda a biopolítica. Estranhamente, ele se aplica a algo distinto. Mas Foucault justifica esta diferença entre o título e o conteúdo do curso: «Eu tinha pensado em lhes dar este ano um curso sobre a biopolítica [...]. Só depois que soubermos o que era esse regime governamental chamado liberalismo é que poderemos, parece-me, apreender o que é a biopolítica»⁸.

Neste curso, ao não tratar diretamente de biopolítica, mas do liberalismo e das transformações internas do capitalismo para o neoliberalismo, o que se percebe é

6 FOUCAULT, Michel. *Nascimento da biopolítica*. Martins Fontes, São Paulo, 2008, 166.

7 FOUCAULT, Michel. «1982». In DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. *Michel Foucault uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Forense Universitária, Rio de Janeiro, 1995, 231.

8 FOUCAULT, Michel. 1982, 29-30.

a centralidade de dois temas, o do governo e de suas técnicas. Observa-se, assim, que um dos enfoques centrais do curso é a relação das técnicas de constituição do sujeito com o governo neoliberal. A análise deste governo passa pela análise da constituição de um «eu» neoliberal. Para compreender como se constitui um «eu» neoliberal, Foucault evidencia as técnicas de constituição de um «si» neoliberal. Uma das estratégias desta constituição é a elaboração de uma verdade do «si», um «si» objetivado com aspectos econômicos. O passo seguinte desta tecnologia de governo é a incitação ao reconhecimento neste «si», a identidade ou identificação de cada um neste «si» com características econômicas. A técnica busca, portanto, o engajamento pessoal no desejo de ser um «si» de sucesso econômico. Trata-se de um processo de subjetivação. A centralidade analítica deste processo de objetivação e subjetivação, neste curso, está na figura do *homo oeconomicus*.

Na análise do neoliberalismo, em *Nascimento da biopolítica*, Foucault reafirma, como já fizera em *História da loucura, As palavras e as coisas, A arqueologia do saber*, sua *anti-hermenêutica* ao dizer que «não se trata de arrancar do Estado o seu segredo»⁹. Tanto a arqueologia quanto a genealogia sempre deixam claro que não se trata de decifrar ou desvelar os segredos, as intenções ou estruturas secretas que maquinariam ou governariam os indivíduos ou as sociedades a partir de uma instância inconsciente, ideológica ou transcendental. Para Foucault, trata-se de analisar as práticas, os discursos, os arquivos, os dispositivos, em sua positividade para neles explicitar seu «como», seu modo de produzir efeitos.

Por outro lado, neste curso, ele se mantém fiel à genealogia ao investigar a problemática liberal e neoliberal «a partir das práticas de governamentalidade»¹⁰. Mesmo partindo da análise do liberalismo clássico, o curso de Foucault abrange, na temática central, o século XX, ao analisar os discursos, os saberes e as técnicas de formação de um governo neoliberal, pois, em geral, ele se restringia apenas ao século XIX em seus livros e cursos.

No ano seguinte ao curso *Nascimento da biopolítica*, ele ministra o curso *Do governo dos vivos* (1979-1980), e se dedica ao tema do dizer verdadeiro e às formas de governo: «eu gostaria de procurar estudar um pouco este ano [...], o elemento do 'eu' [...] nos ritos e procedimentos de veridicção»¹¹. Estes estudos não estão buscando uma origem que mostre as maneiras como os filósofos teriam combatido a mentira ou empreendido métodos para evitar o erro no pensamento, até porque Foucault não pressupõe a existência da verdade por trás, abaixo ou acima do erro. Trata-se, muito antes, de uma genealogia de como atua o dizer verdadeiro enquanto técnica que amarra o indivíduo a certas verdades e, neste processo, de compreender a gênese do *como* se constitui um conjunto de práticas que perpassam diferentes períodos.

⁹ FOUCAULT, Michel. 1982, 106.

¹⁰ FOUCAULT, Michel. 1982, 6.

¹¹ FOUCAULT, Michel. *Do governo dos vivos*. Martins Fontes, São Paulo, 2014, 46.

E há, claro, o célebre texto de Gregório de Nazianzo [...] que, oito séculos depois de Sófocles (*Édipo Rei*), vai definir a direção das consciências como τέχνη τέχνης [*tecné tecnés*, arte, habilidade] dando uma caracterização de direção de consciência que permanecerá constante até o século XVIII. [...] o que eu gostaria de fazer este ano é estudar a relação entre essa *tecné tecnés* como arte suprema, arte de governar¹².

Como se pode observar, o curso *Do governo dos vivos* assinala o deslocamento definitivo para outro contexto, não mais o da modernidade, mas o do período greco-latino e início do Cristianismo, e também um deslocamento da base analítica, que passa do binômio poder-saber para o binômio governo-verdade. Este novo binômio permanece em suas pesquisas até seu último curso, *A coragem da verdade*, sem se contrapor ou *desdizer* os trabalhos anteriores. Uma única exceção foi feita em uma aula de um dos últimos quatro cursos. Foi no curso *O governo de si e dos outros*, de 1983, quando dedica as duas primeiras horas-aula do curso, em 05 de janeiro daquele ano, ao texto de Immanuel Kant sobre a *Aufklärung*.¹³ Ainda assim, mesmo analisando um texto do final do século XVIII, a temática que ocupa Foucault é mostrar a relação governo-verdade, as práticas (ou experiências de si) que aparecem no texto, sob o signo da modernidade como atitude crítica.

No curso *O governo de si*, a atenção se volta a temas como o «ritual de manifestação da verdade»¹⁴, *Aleturgia*, o dizer verdadeiro, a confissão. Nesta temática, ele tem como foco central as técnicas aletúrgicas (ou seja, do dizer verdadeiro) da constituição do eu, a «institucionalização das relações verdade/subjetividade pela obrigação de dizer a verdade sobre si»¹⁵, expressão que antecipa o título e o objeto central do curso do ano seguinte, 1980-1981.

Assim, o curso *Subjetividade e verdade* (1980-1981) continua estudando o período greco-latino, bem como as heranças deixadas e as transformações sofridas no pensamento cristão. A estratégia é semelhante aos demais estudos arqueológicos e genealógicos dos anos de 1960 e 1970, ou seja, ao invés dos textos canônicos dos filósofos renomados, da grande Filosofia, Foucault busca texto *menores*, não tão expressivos, muitas vezes esquecidos pelos cânones, mas significativos para identificar questões básicas sobre as técnicas de constituição e do governo de si.

Nas técnicas analisadas, «a verdade é concebida como essencialmente um sistema de obrigações»¹⁶ e a noção de «subjetividade como suporte histórico para a verdade e a verdade como sistema histórico de obrigações»¹⁷. Como se vê,

12 FOUCAULT, Michel. *Do governo dos vivos*, 49.

13 Trata-se do texto que Kant publicou em 05 de dezembro do ano de 1783 no *Berlinische Monatsschrift*, com o título «Resposta à pergunta: Que é 'Esclarecimento?'» (*Aufklärung*). In KANT, Immanuel. *Textos seletos*. 4ª ed. Vozes, Petrópolis, 2008.

14 FOUCAULT, Michel. *Do governo dos vivos*, 7.

15 FOUCAULT, Michel. *Do governo dos vivos*, 283.

16 FOUCAULT, Michel. *Subjetividade e verdade*. Martins Fontes, São Paulo, 2016, 13.

17 FOUCAULT, Michel. *Subjetividade e verdade*, 3.

Foucault, nestes cursos, não busca as regras lógicas, transcendentais ou metafísicas da verdade, nem algum caminho de acesso à *verdadeira* subjetividade.

Em certa medida, se pode antever no curso *Subjetividade e verdade* aspectos relevantes que serão estudados em *A hermenêutica do sujeito*. Para identificar estes aspectos, a atenção deve dirigir-se aos aspectos metodológicos do trabalho e ao modo como aborda, não o sujeito como tal, mas as experiências que o sujeito precisa fazer valer sobre si. Tais experiências se inscrevem nos regimes de verdade e nas técnicas que promovem a relação entre verdade, subjetividade e governo, bem como nos efeitos que tal relação produz. Estas técnicas são estudadas e trabalhadas em ambos os cursos de Foucault. Veja-se que em *Subjetividade e verdade* ele explora o tema das técnicas de vida, «tecnologias de si e processos de subjetivação aos quais os indivíduos foram submetidos»¹⁸. Ao se analisarem o modo de trabalhar e as questões de fundo que percorrem os cursos, desde *Segurança, território e população* até *Subjetividade e verdade*, percebe-se que o curso do ano seguinte, *A hermenêutica do sujeito* está na continuidade de um projeto mais amplo, relativo à gênese de questões com as quais nossa modernidade se defronta.

2. O sujeito frente a duas técnicas: de constituição e de decifração de si

Parece estranho que noções como cuidado de si, técnicas de si, estética da existência, estudadas por Foucault desde o curso *O governo dos vivos* (1979-1980), vindo a ser um dos pontos altos no curso *A hermenêutica do sujeito*, viessem a promover controvérsias entre estudiosos de sua obra deste período. Igualmente, parece haver certa ambiguidade entre o que Foucault estudou acerca dos gregos, como o cuidado de si, as técnicas de si, a estética da existência, com o que alguns estudos indicam como sendo sua própria filosofia¹⁹. Alguns temas estudados neste período passaram a ser tomados como sendo as teses defendidas pelo próprio Foucault. Com relação a temas como as disciplinas, a sexualidade, a segurança, a delinquência, não ocorreu de se confundir o objeto estudado, o mecanismo (dispositivo) elucidado pelo estudo com o que seria uma proposta filosófica de Foucault. Embora esteja claro que as disciplinas foram elucidadas por Foucault com seus estudos, não se cogita que as disciplinas seriam uma proposta de Foucault para a vida pessoal ou coletiva. Chama a atenção o fato de que isto veio a ocorrer com seu estudo dos gregos, sobretudo com o curso *A hermenêutica do sujeito*. Seu curso do ano anterior, *Subjetividade e verdade*, ou os dois cursos subsequentes, *O*

¹⁸ FOUCAULT, Michel. Subjetividade e verdade, 255.

¹⁹ O texto da minha orientadora de doutoramento, professora Salma Tannus Muchail, *Foucault, mestre do cuidado* talvez possa ser mencionado como indicativo desta possibilidade de leitura da produção intelectual de Foucault deste período. Cf. MUCHAIL, Salma Tannus. Foucault, mestre do cuidado; textos sobre *A hermenêutica do sujeito*. Loyola, São Paulo, 2011.

governo de si e dos outros e *A coragem da verdade*, não chegam a provocar semelhante entusiasmo temático entre estudiosos, como é o caso do cuidado de si e da estética da existência.

Não é o propósito explorar neste texto polêmicas ou controvérsias acerca do cuidado de si, das técnicas de si e da estética da existência. Longe disto, o propósito é dirigir a atenção a uma *leitura* das temáticas estudadas em *A hermenêutica do sujeito* que permita posicioná-las na metodologia de Foucault, ou seja, inserir estas temáticas no contexto metodológico foucaultiano, sobretudo no da genealogia.

Assim, a ideia básica é olhar para os estudos de Foucault sobre os temas do período greco-latino para ver se se trata de uma possível hermenêutica em Foucault, analisando em que medida o conceito de hermenêutica se sustenta em seu trabalho ou se, no fundo, o conceito é utilizado por ele para referir-se a uma prática que se tornou bastante comum no Ocidente, desde aquele período, não para designar aspectos de sua filosofia. Para isto, a abordagem não será feita diretamente do livro *A hermenêutica do sujeito*, mas a partir de três textos menores, um anterior e dois posteriores ao curso *A hermenêutica do sujeito*. O primeiro texto é *A origem da hermenêutica de si*, Conferências de Dartmouth, proferidas em 1980. O segundo texto é *As técnicas de si*, Conferência na Universidade de Vermont, em outubro de 1982. O terceiro texto é o *Resumo do curso A hermenêutica do sujeito*, escrito por Foucault para o *Annuaire* do *Collège de France*. Algumas passagens destes três textos ajudam a elucidar o modo como Foucault fala de seu próprio trabalho deste período, sobre o que designa ser seu projeto no início dos anos de 1980. Esta temática será retomada mais adiante.

O nome *A hermenêutica do sujeito* se compõe de dois conceitos muito complexos e, no mais das vezes, independentes um do outro. Ao compor este nome, Foucault os reúne numa expressão enigmática. Ao longo do texto tentarei abordá-los, ambos em sua independência temática e metodológica na obra de Foucault.

No que se refere à hermenêutica, Foucault não a desenvolve na radicalidade ontológica de Heidegger, nem chega à objetividade da hermenêutica do campo da linguística, na análise de signos, signifiante, significados. Pode-se dizer, provisoriamente, que ele não se inscreve no desvelamento do *Dasein* de Heidegger, nem nas análises estruturadas do simbólico na linguagem.

Em *A arqueologia do saber*, Foucault parece assinalar o modo específico de trabalhar a relação do sujeito com o saber. Ele situa a relação entre a linguagem-discurso e a história-ruptura. Ou seja, na analítica foucaultiana, a linguagem não é natural, nem transcendental, nem uma estrutura *em si*. A linguagem é prática discursiva. Trata-se de uma prática que pertence a cada formação histórica específica. Foucault, portanto, não analisa *a linguagem*, mas formações discursivas específicas, nas quais sua analítica, conforme ele declara em *A arqueologia do saber*, «se mantém fora de

qualquer interpretação»²⁰. Sem ser interpretação, a arqueologia se mantém em região distinta da hermenêutica. Suas pesquisas arqueológicas e genealógicas fazem aparecer as singularidades históricas das práticas discursivas, identificando os dispositivos e as técnicas que articulam os enunciados, constituindo um saber coerente e consistente, no interior do qual a verdade se torna possível e obtém suas evidências.

Mas em que medida se pode falar de uma hermenêutica em Foucault? Implicaria isto uma contrariedade com relação à arqueologia e a genealogia? Como compreender o que Foucault nominou com o título do curso *A hermenêutica do sujeito*? Estes dois conceitos não se relacionam direta nem imediatamente. Inicialmente, pode-se identificar certa semelhança no que concerne ao modo como Foucault utiliza ambos, ou seja, nem a hermenêutica é, no sentido clássico, uma hermenêutica, como fundamento metodológico para se chegar à verdade, nem o sujeito é, propriamente, o sujeito, enquanto fundamento do conhecimento. Ambos aparecem mais pela ausência, ou seja, por uma não-consistência objetiva ou universalizável, do que pelo fundamento que dariam à metodologia e à epistemologia. Ainda assim, ambos conceitos não deixam de manifestar positivities no pensamento foucaultiano. Mas a despeito desta positividade, tanto os conceitos quanto as relações entre eles precisam ser estabelecidos no pensamento de Foucault. Penso que a relação entre eles necessita de um terceiro conceito, com características semelhantes. Este terceiro conceito é a verdade, que torna possível um trânsito entre hermenêutica e sujeito.

Nos Estados Unidos, um primeiro olhar sobre a relação de Foucault com a hermenêutica foi lançado por Hubert Dreyfus e Paul Rabinow a partir de estudos que vinham desenvolvendo acerca da temática desde 1979 e que resultaram, em 1982, no livro *Michel Foucault; uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Dizem os autores, no Prefácio, que o «livro em questão chamou-se, primeiramente, *Michel Foucault: do estruturalismo à hermenêutica*»²¹. Mas eles foram dissuadidos desta ideia: «um grupo de literatos e filósofos [...] nos assegurou, com grande convicção, que Foucault nunca tinha sido um estruturalista e detestava interpretações»²². Com isto, modificaram o sentido do livro e seu título, que passou a se chamar *Michel Foucault; uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica*, ou seja, abandonaram a ideia de associá-lo a uma ou outra filosofia, colocando a filosofia de Foucault para além delas, pois, segundo eles, com seu novo método, «Foucault pode mostrar como, em nossa cultura, os seres humanos tornaram-se uma espécie de objeto e sujeitos analisados e descobertos pelo estruturalismo e pela hermenêutica»²³. O novo método a que se

20 FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 5ª ed. Forense Universitária, Rio de Janeiro, 1997, 126.

21 DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. *Michel Foucault; uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Forense Universitária, Rio de Janeiro, 1995, IX.

22 DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. *Michel Foucault; uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica*, IX.

23 DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. *Michel Foucault; uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica*, X.

referem é a genealogia de Foucault, com a qual ele teria ido além do estruturalismo e da hermenêutica.

No Brasil, uma primeira exploração do conceito de hermenêutica em Foucault foi feita pelo filósofo Nythamar Fernandes de Oliveira, da Pontifícia Universidade de Porto Alegre, em uma conferência apresentada por ele no *I Seminário de Filosofia Hermenêutica*, na Universidade Federal de Santa Maria. As palestras do Seminário foram publicadas como livro no ano de 2000. O título que Nythamar deu à sua conferência foi *A hermenêutica radical de Michel Foucault*. Nela, Nythamar assinala uma «reapropriação da hermenêutica pela fenomenologia, em torno de questões como significado, sentido e linguagem»²⁴, algo que, segundo ele, teria tornado possível a reaproximação de estilos diferentes de fazer filosofia. Ele justifica o conceito de hermenêutica radical «para caracterizar o trabalho antifundacionalista de superação da metafísica em autores como Nietzsche, Heidegger e Foucault»²⁵. Assinala, ainda, que Foucault

propõe uma crítica à hermenêutica de significações profundas, suas releituras de Kant, Nietzsche e Heidegger desembocam numa hermenêutica radical a serviço do sujeito que se reconhece no fluxo contínuo do seu devir, historicamente enraizado em contextos de práticas discursivas e não-discursivas²⁶.

Este texto de Nythamar foi publicado há mais de 24 anos, sendo anterior à publicação de *A hermenêutica do sujeito* e distante 18 anos de quando Foucault ministrou o curso. Em seu texto, Nythamar não menciona o curso e nem dá sinais de que o conhecia à época. Mesmo assim, ele indica uma perspectiva para situar a hermenêutica em Foucault. A primeira indicação é de que se trata de uma hermenêutica antifundacionalista, uma hermenêutica radical e uma hermenêutica a serviço do sujeito. O sujeito mencionado por Nythamar é um sujeito histórico, enraizado em práticas discursivas e não discursivas, não um sujeito que seja fundamento de métodos ou conhecimentos.

Ao longo de toda obra, hermenêutica e sujeito aparecem de maneira desigual e desempenham funções, significativamente diferentes nos trabalhos de Foucault. Enquanto hermenêutica aparece 8 vezes em *As palavras e as coisas* e apenas 2 vezes em *A arqueologia do saber*, o termo sujeito aparece 42 vezes em *As palavras e as coisas* e 136 vezes em *A arqueologia do saber*.

Como se vê, desde a década de 1960, marcadamente desde *A arqueologia do saber*, o sujeito é tematizado por Foucault. Mas em sua filosofia, o sujeito aparece desfundado, como um efeito das práticas, ou ainda, desempenhando um lugar de enunciação no discurso. Esta perspectiva se mantém nas pesquisas de Foucault na

24 OLIVEIRA, Nythamar Fernandes de. «A hermenêutica radical de Michel Foucault». In REIS, Robson Ramos dos; ROCHA, Ronai Pires da (orgs). *Filosofia hermenêutica*. Editora da UFSM, Santa Maria, 2000, 70.

25 OLIVEIRA, Nythamar Fernandes de. «A hermenêutica radical de Michel Foucault». In REIS, Robson Ramos dos; ROCHA, Ronai Pires da (orgs). *Filosofia hermenêutica*, 70-71.

26 OLIVEIRA, Nythamar Fernandes de. «A hermenêutica radical de Michel Foucault». In REIS, Robson Ramos dos; ROCHA, Ronai Pires da (orgs). *Filosofia hermenêutica*, 72.

década de 1980. O título (*A hermenêutica do sujeito*) e as mais de 300 aparições ao longo do texto mostram a insistente permanência da noção de sujeito no curso.

Em um texto publicado na Revista *Le Debat*, nº. 27, em novembro de 1983, com o título *O uso dos prazeres e as técnicas de si*, texto que, com algumas modificações, foi publicado como *Introdução* ao livro *O uso dos prazeres* originalmente em 1984, Foucault explicita uma preocupação de suas pesquisas nos anos de 1980:

Parecia que, agora, seria preciso operar um terceiro deslocamento para analisar o que era designado como «sujeito»; convinha pesquisar quais eram as formas e as modalidades da relação consigo mesmo, por meio das quais o indivíduo se constituía e se reconhecia como sujeito²⁷.

Antes disso, em 1980, Foucault, numa conferência em Dartmouth²⁸, explicita elementos relevantes de como trata a hermenêutica. No texto, sob a insígnia subjetividade e verdade, Foucault também aborda o tema do sujeito nas pesquisas que desenvolve. Ele inicia o texto da conferência com um relato que extraiu de um livro dedicado ao tratamento moral da loucura. Na passagem selecionada por Foucault, um psiquiatra, Doutor Lauret, descreve como tratou um de seus pacientes. Trata-se da famosa cena na qual o Doutor Lauret aplica duchas de água gelada sobre o paciente até que ele admita que está louco, que tudo o que se passa com ele é loucura. Em seguida, Foucault acrescenta: «A anedota de Lauret é apenas um exemplo das estranhas e complexas relações entre individualidade, discurso, verdade e coação que se desenvolvem em nossas sociedades»²⁹. Em seguida, complementa que suas pesquisas, envolvendo a subjetividade, as maneiras de se relacionarem o sujeito e a verdade têm como propósito fazer uma genealogia do sujeito: «Afinal, isto não é, para mim, outra coisa que um meio do qual vou me valer para abordar um tema muito mais geral, que é a genealogia do sujeito moderno»³⁰.

Nesta mesma direção, Foucault explicita:

Esta nem sempre foi uma tarefa fácil, porque a maioria dos historiadores prefere uma história de processos sociais e a maioria dos filósofos prefere um sujeito sem história. Isto nunca me impediu de utilizar o mesmo material que alguns historiadores de fatos sociais,

27 FOUCAULT, Michel. «O uso dos prazeres e as técnicas de si». In *Ética, sexualidade, política*. Ditos e Escritos V. Forense Universitária, Rio de Janeiro, 2004, 195.

28 FOUCAULT, Michel. «El origen de la hermenéutica de sí»; «Subjetividad y verdad»; Conferencias de Dartmouth, 1980. Siglo Veintiuno Buenos Aires, 2016. O texto integra a Coleção *Dits et Ecrits*, com o nome *Sexualité et solitude* (texto número 295) publicada na *London Review of Books* em maio-junho de 1981. Ele também foi publicado posteriormente, em Buenos Aires, Argentina, com o título *A origem da hermenêutica de si: conferencias de Dartmouth*. No Brasil, o texto foi publicado em Ditos e Escritos V; *Ética, sexualidade, política*, com o nome «Sexualidade e Solidão».

29 FOUCAULT, Michel. «El origen de la hermenéutica de sí»; «Subjetividad y verdad»; Conferencias de Dartmouth, 33. Esta e as demais passagens citadas deste texto são traduzidas por mim, a partir do texto publicado na Argentina, em espanhol.

30 FOUCAULT, Michel. «El origen de la hermenéutica de sí»; «Subjetividad y verdad»; Conferencias de Dartmouth, 33.

nem de reconhecer a minha dívida aos filósofos que, como Nietzsche, levantaram a questão da historicidade do sujeito³¹.

Foucault, neste texto, apresenta uma novidade radical com relação às suas análises anteriores a respeito do poder, da verdade e do sujeito. Inicialmente, apresenta as três técnicas mais conhecidas e já trabalhadas por ele nas décadas de 1960 e 1970: as técnicas que permitem produzir, manipular, transformar as coisas, as técnicas que permitem utilizar sistemas de signos e as técnicas que permitem determinar a conduta dos indivíduos, impondo-lhes certas vontades, fins ou objetivos, ou seja, técnicas de produção, de significação e de dominação. Mas, segundo ele,

há outro tipo de técnicas: técnicas que permitem aos indivíduos efetuar por si próprios uma série de operações sobre o seu próprio corpo, suas próprias almas, seus próprios pensamentos, sua própria conduta, e fazê-lo de modo a transformar-se, modificar-se e atingir um certo estado de perfeição, de felicidade, de pureza, de poder sobrenatural, etc. Chamemos a este grupo de «técnicas» ou «tecnologia de si».

Creio que se quisermos estudar a genealogia do sujeito na civilização ocidental, temos de ter em conta não só as técnicas de dominação, mas também as técnicas do eu. Digamos que se deve ter em conta a interação entre estes dois tipos de técnicas³².

Haveria razões, conforme o olhar que se lance sobre este quarto conjunto de técnicas, para se pensar que, neste «retorno aos gregos», Foucault teria desenvolvido um pressuposto de emancipação para o sujeito, ao apresentar uma espécie de prática na qual o sujeito estaria em condições de se contrapor ou *escapar* às técnicas de dominação, podendo constituir a si mesmo enquanto um sujeito autônomo e livre. Penso que este é *um* viés para se entenderem os trabalhos de Foucault dos anos de 1980, período também denominado de «genealogia da ética»³³. Mas se pode opor a esta linha interpretativa uma outra, baseada neste mesmo texto, de 1980. Para Foucault,

É necessário ter em conta os pontos em que as tecnologias de dominação de alguns indivíduos sobre outros apelam aos processos pelos quais o indivíduo atua sobre si próprio; e, inversamente, os pontos em que as técnicas de si se integram em estruturas de coerção e dominação. O ponto de contato, onde [a maneira como] os indivíduos são dirigidos por outros é articulado com a forma como eles próprios se comportam, é o que pode ser chamado de «governo». Governar pessoas, no sentido lato da palavra, não é uma maneira de as forçar a fazer o que o governante quer; há sempre um equilíbrio instável, com complementaridade e conflito, entre as técnicas que se ocupam da

31 FOUCAULT, Michel. «El origen de la hermenéutica de sí»; «Subjetividad y verdad»; Conferencias de Dartmouth, 34-35.

32 FOUCAULT, Michel. «El origen de la hermenéutica de sí»; «Subjetividad y verdad»; Conferencias de Dartmouth, 35-36.

33 KRAEMER, Celso. Ética e liberdade em Michel Foucault; uma leitura de Kant. EDUCA; FAPESC, São Paulo, 2011.

coerção e os processos mediante os quais o si mesmo se constitui ou se modifica por obra própria³⁴.

Estas passagens, por um lado, reforçam o enfoque no tema do governo/governamentalidade, e, por outro, assinalam uma novidade muito específica no seu pensamento acerca das relações poder-verdade-sujeito. Mas teria Foucault libertado o sujeito, aberto um espaço para sua constituição autônoma? Ou, trata-se, muito antes, de correção de pressuposto acerca do poder, como ele mesmo explicita? «O poder se constitui por relações complexas: estas relações envolvem um conjunto de técnicas racionais, cuja eficácia provém de uma ligação sutil de tecnologias de coação e tecnologias de si».³⁵ A novidade incluída por Foucault na analítica da relação poder-verdade-sujeito não é um quarto termo, mas um âmbito específico na própria relação, ou seja, o engajamento da própria pessoa no processo de constituição de si, que não é pura passividade ou matéria inerte a ser moldada pelas forças, pressões ou coações externas, mas, enquanto pessoa, é também ativo na constituição do si.

Creio que devemos desfazer-nos do esquema mais ou menos freudiano – que vocês conhecem – o esquema da interiorização do poder pelo eu. Afortunadamente, desde um ponto de vista teórico e, talvez, desafortunadamente, desde um ponto de vista prático, as coisas são muito mais complicadas. Em resumo, depois de haver estudado o campo do governo com as técnicas de dominação como ponto de partida, nos próximos anos queria estudar o governo – sobretudo no âmbito da sexualidade – a partir das técnicas de si.³⁶

No tocante à relação sujeito-poder-verdade, o que ele revisou foi seu pressuposto de uma passividade de quem sofre os processos ou tecnologias de dominação. Seu olhar, agora, engloba, junto às tecnologias de dominação, também as tecnologias de si, ou seja, a participação ativa das pessoas no processo de constituição de si como sujeito.

A noção de sujeito, portanto, permanece, ao modo da *desfundação*, ou seja, não lhe conferindo um *status* autônomo, liberado ou libertado das técnicas de sujeição, conforme elaborado, sobretudo a partir de *A arqueologia do saber*. Já nos estudos de 1980, nesta genealogia de uma mirada histórica muito mais longa, buscando a gênese da noção de sujeito, ele inclui na sua análise elementos anteriormente não considerados ou mesmo negligenciados. Nesta busca da gênese histórica do sujeito moderno, Foucault percorre as práticas do pastorado pré-cristão, as práticas dos pitagóricos, do platonismo, do estoicismo e epicurismo, no interior do helenismo, até as práticas cristãs.

34 FOUCAULT, Michel. «El origen de la hermenéutica de sí»; «Subjetividad y verdad»; Conferencias de Dartmouth, 36.

35 FOUCAULT, Michel. «El origen de la hermenéutica de sí»; «Subjetividad y verdad»; Conferencias de Dartmouth, 36.

36 FOUCAULT, Michel. «El origen de la hermenéutica de sí»; «Subjetividad y verdad»; Conferencias de Dartmouth, 36.

O outro polo dos termos *hermenêutica e sujeito* aparece de modo diferente no percurso dos trabalhos de Foucault. A noção de hermenêutica não parece desempenhar papel significativo no período que vai dos anos de 1950 até 1979. Ela é mencionada 3 vezes em 1954, no texto *Introdução a Binswanger*. É mencionada, em 1963, num texto sobre *Distance, aspect, origine*, também 2 vezes. Igualmente em 1965, numa entrevista sobre filosofia e psicologia. Aparece também 2 vezes em 1966, no texto *A prosa do mundo*. Na entrevista sobre *As palavras e as coisas*, o conceito de hermenêutica aparece como uma postulação das ciências humanas. Em 1967, aparece 2 vezes no texto *Nietzsche, Freud e Marx*, ao dizer que eles nos colocaram «uma nova possibilidade de interpretação, eles fundaram novamente a possibilidade de uma hermenêutica»³⁷. Diz também que, em Nietzsche e em Freud, e com menor grau em Marx,

se vê delinear essa experiência, que acredito ser tão importante para a hermenêutica moderna, de que, quanto mais longe vamos na interpretação, ao mesmo tempo nos aproximamos de uma região absolutamente perigosa, na qual a interpretação vai encontrar não só seu ponto de retrocesso, mas onde ela própria vai desaparecer como interpretação, ocasionando talvez o desaparecimento do próprio intérprete³⁸.

As duas outras vezes em que o conceito é mencionado neste texto estão referidas à semiologia e à interpretação de textos. Embora mencione que Nietzsche, Freud e Marx teriam fundado novamente a possibilidade de uma hermenêutica, ela não parece ter um sentido útil a Foucault. Sua visão de hermenêutica, neste contexto, está ligada ao jogo de interpretações, atitude metodológica da qual a arqueologia e a genealogia se afastam.

Nos anos de 1970, o conceito de hermenêutica é ausente dos escritos de Foucault. Quando ele reaparece já se está no contexto das pesquisas dos anos de 1980, envolto com o estudo dos gregos.

São vários os textos, a partir de 1980, em que a noção de hermenêutica aparece. Vou me limitar a utilizar fragmentos da acima mencionada conferência *Subjetividade e verdade*, proferida em novembro de 1980, no *Dartmouth College* de Hanover (New Hampshire, Estados Unidos), cotejando com *Sexualidade e solidão* e o texto *O uso dos prazeres e as técnicas de si*, 1983. Após abordar as técnicas de si gregas e latinas, Foucault acrescenta:

Gostaria apenas de salientar uma transformação destas práticas, uma transformação que ocorreu no início da era cristã, do período cristão, quando a obrigação de se conhecer a si próprio se tornou o

37 FOUCAULT, Michel. «Nietzsche, Freud, Marx.» In *Dits et Écrits, I, 1954-1975*. Quarto Gallimard, Paris, 2001, 594; FOUCAULT, Michel. «Nietzsche, Freud, Marx.» In *Ditos e Escritos II; Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de pensamento*. Forense Universitária, Rio de Janeiro, 2000, 42.

38 FOUCAULT, Michel. «Nietzsche, Freud, Marx.» In *Dits et Écrits*, 594; FOUCAULT, Michel. «Nietzsche, Freud, Marx. In *Ditos e Escritos II; Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de pensamento*, 45.

preceito monástico: «Confessa ao teu guia espiritual todos os teus pensamentos». Esta transformação tem uma certa importância na genealogia da subjetividade moderna. Com esta transformação começa aquilo a que poderíamos chamar a hermenêutica de si³⁹.

Enquanto as tecnologias de si gregas e latinas são constituintes, dotando o sujeito de verdades e princípios nos quais ele reconheça a si mesmo e se confesse por eles a seu mestre, nas tecnologias cristãs, «o problema é descobrir o que está escondido dentro de si mesmo; o eu é como um texto ou um livro que devemos decifrar, e não algo a ser construído por sobreposição, sobreimposição, da vontade e da verdade»⁴⁰. A sobreimposição indica o sentido com que Foucault analisa as técnicas de si, o cuidado de si que se desenvolveu na cultura grega e se difundiu com o Estoicismo e o Epicurismo.

Uma base significativa se constituiu nestas práticas de si, gregas e latinas. É esta base que sofreu a transformação com o cristianismo, quando a libido se tornou um componente interno da vontade. Com isto, passou-se a travar com ela uma luta espiritual, na qual devemos «dirigir nosso olhar incessantemente para baixo e para o interior, a fim de decifrar dentre os movimentos da alma aqueles que vêm da libido, [o que] exige uma constante hermenêutica de si mesmo»⁴¹.

Em 1983, em *O uso dos prazeres e as técnicas de si*, Foucault reafirma seu empreendimento como uma genealogia do sujeito e apresenta o sentido com que utiliza a noção de hermenêutica:

parecia difícil analisar a formação e o desenvolvimento da experiência da sexualidade a partir do século XVIII, sem fazer, a respeito do desejo e do sujeito desejante, um trabalho histórico e crítico, sem empreender uma «genealogia» [...] a ideia era a de pesquisar nessa genealogia o modo pelo qual os indivíduos foram levados a exercer sobre eles mesmos, e sobre os outros, uma hermenêutica do desejo. [o que implicou] reorganizar todo o estudo em torno da lenta formação, durante a Antiguidade, de uma hermenêutica de si⁴².

Como se vê, a hermenêutica a que Foucault se refere é a que resulta das pesquisas arqueológicas e genealógicas sobre os gregos, os latinos e os cristãos. O que a genealogia do sujeito empreendida por Foucault pôs em evidência foi o papel que a hermenêutica desempenhou ao amarrar o sujeito e a verdade. Pelas técnicas do cuidado de si e do conhecimento de si, se constitui o sujeito. Pelas técnicas

39 FOUCAULT, Michel, «El origen de la hermenéutica de sí»; «Subjetividad y verdad»; Conferencias de Dartmouth, 37.

40 FOUCAULT, Michel, «El origen de la hermenéutica de sí»; «Subjetividad y verdad»; Conferencias de Dartmouth, 43).

41 FOUCAULT, Michel. «Sexualité et solitude». In *Dits et Écrits II* Gallimard, Paris, 2001, 995; FOUCAULT, Michel. «Sexualidade e Solidão» In *Ditos e escritos V; Ética sexualidade, política*. Forense Universitária, Rio de Janeiro, 2004, 101.

42 FOUCAULT, Michel. «O uso dos prazeres e as técnicas de si.» In *Ditos e Escritos V. Ética, sexualidade e política*. Forense Universitária, São Paulo, 2004, 194-195.

de decifração de si, faz-se a hermenêutica do sujeito; mas o que as técnicas de decifração encontram é o que as técnicas de constituição antecipadamente produziram. Parece ser esta a conexão interna entre cuidado de si, conhecimento de si e hermenêutica do sujeito.

Saliente-se, entretanto, que Foucault nem sempre se refere à hermenêutica da mesma forma. Às vezes, ele dá a nítida impressão de que a interioridade do sujeito, promovida pelo cristianismo, foi a condição para constituir-se uma prática de interpretação dessa interioridade do sujeito, uma hermenêutica do sujeito. Esta interioridade exigia uma permanente decifração de si, o que caracterizaria, portanto, a formação de uma hermenêutica do sujeito. Mas em outras passagens, Foucault menciona que teria havido uma hermenêutica do sujeito nas tecnologias de si gregas e latinas e uma nova hermenêutica do sujeito nas tecnologias de si cristãs. De todo modo, ele elucida que a gênese do sujeito moderno deita suas raízes nas tecnologias de si gregas, latinas e cristãs, tanto de constituição quanto de interpretação de si. Da mesma forma, mostra que há uma estreita relação entre hermenêutica, sujeito e verdade, ou seja, a relação entre sujeito e hermenêutica se dá pela mediação da verdade.

Estas reflexões me conduziram a pensar que Foucault, nesta genealogia do sujeito, não está interessado, enquanto pesquisador, em desvelar o cuidado de si como um modelo (ético, estético, político) de existência ou de filosofia, da mesma maneira como não estava interessado em apresentar um modelo de vida nas disciplinas, nos discursos e práticas da sexualidade. Ele não empreendeu uma busca da verdade, nem antropológica, nem filosófica, nem médica, nem moral ou pedagógica. Seu interesse genealógico, nestes estudos, que também se valeram do processo arqueológico, estava voltado aos processos históricos, ao conjunto de práticas, discursivas, institucionais pelas quais se constituíram as verdades sobre nós mesmos e se desenvolveram as técnicas de interpretação destas mesmas verdades.

De modo semelhante, nos estudos sobre os gregos, ele estava movido à busca de uma «genealogia do sujeito moderno»⁴³, conforme já salientado. Para isto, empreendeu a pesquisa em uma duração histórica mais longa. Mas não deixou de ser arqueológica, enquanto análise das práticas discursivas, nem genealógica, enquanto análise das práticas e seus efeitos na constituição dos sujeitos.

Com isto, suas pesquisas mostraram as transformações pelas quais o processo de constituição do sujeito e de um saber sobre ele passou dos pitagóricos ao cristianismo. O mais remoto foi o modelo da memória e da purificação, dos pitagóricos. Um segundo modelo foi o do diálogo como método pedagógico em Platão. Em seguida, o modelo da escuta silenciosa dos estoicos e epicuristas. Desenvolveu-se, neste modelo, um «novo jogo pedagógico no qual o mestre/professor fala sem

43 FOUCAULT, Michel, «El origen de la hermenéutica de sí»; «Subjetividad y verdad»; Conferencias de Dartmouth, 33.

fazer perguntas, o discípulo não responde: ele deve escutar e ficar em silêncio»⁴⁴. O modelo de cuidado de si do cristianismo preserva algumas características dos estoicos e dos epicuristas, como a obediência e a cultura do silêncio.

O que se desenvolveu ao longo destes muitos séculos, da cultura pagã ao cristianismo, foi a constituição de duas práticas relevantes para o sujeito ocidental: o exame de consciência e a confissão. Elas são as bases sobre as quais o Ocidente, ao mesmo tempo em que engendrou o sujeito, elaborou e assimilou suas verdades e criou os mecanismos para suas hermenêuticas.

Foucault, portanto, faz uma genealogia dos modos pelos quais, lentamente, se criaram e desenvolveram as hermenêuticas do sujeito, mostrando os caminhos, os métodos, as técnicas, os complexos conjuntos de práticas pelas quais se constituiu o sujeito e se o dotou de verdades. «A *askesis* é um conjunto de práticas pelas quais o indivíduo pode adquirir, assimilar a verdade e transformá-la em um princípio de ação permanente»⁴⁵. Trata-se de um modelo pelo qual o sujeito, ao assimilar tais verdades, acaba tornando a si mesmo aquelas verdades. «O objetivo desses dois tipos de exercícios [*melete* – pensamento e *gymnasia* – treino] não é o deciframento da verdade, mas o controle das representações [...]. É uma espécie de exame de si permanente, no qual o indivíduo deve ser seu próprio sensor»⁴⁶.

Por fim, seus estudos dirigem-se também às técnicas de si inauguradas pelo cristianismo. Há claras continuidades, mas também descontinuidades da cultura pagã à cultura cristã. Sem detalhar cada uma delas, importa ressaltar que, no cristianismo, embora se dote o indivíduo de verdades, a ênfase se dirige às técnicas de confissão e decifração de suas verdades. Trata-se de um modelo que «exige de cada um que saiba quem se é, isto é, que se dedique a descobrir o que acontece em si, que reconheça seus erros, admita suas tentações, localiza seus desejos»⁴⁷.

Estas técnicas de si requerem certo conhecimento de si, investe-se na decifração da verdade de si, na revelação desta verdade. O cristianismo inaugura um modo de deciframento do si muito específico, diz Foucault.

Há três grandes tipos de exame de si: primeiramente, o exame pelo qual se avalia a correspondência entre os pensamentos e a realidade (Descartes). Segundo, o exame pelo qual se estima a correspondência entre os pensamentos e as regras (Sêneca); em terceiro lugar, o exame pelo qual se aprecia a relação entre um pensamento oculto e uma impureza da alma. É com o terceiro tipo de exame que começa a hermenêutica de si cristã e seu deciframento dos pensamentos íntimos⁴⁸.

44 FOUCAULT, Michel. «As técnicas de si». In *Ditos e Escritos IX; Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade*. Forense Universitária, Rio de Janeiro, 2014a, 278.

45 FOUCAULT, Michel. «As técnicas de si». In *Ditos e Escritos IX; Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade*, 282.

46 FOUCAULT, Michel. «As técnicas de si». In *Ditos e Escritos IX; Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade*, 285.

47 FOUCAULT, Michel. «As técnicas de si». In *Ditos e Escritos IX; Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade*, 287.

48 FOUCAULT, Michel. «As técnicas de si». In *Ditos e Escritos IX; Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade*,

No Resumo do curso *A hermenêutica do sujeito* se encontra esta mesma comparação entre as técnicas de si pagãs (Epicteto) e as técnicas de si cristãs (Cassiano), sendo as primeiras uma assimilação da verdade, enquanto as técnicas de si cristãs buscam «prescrever uma atitude hermenêutica em relação a si mesmo: decifrar o que pode haver de concupiscência em pensamentos aparentemente inocentes, reconhecer os que vêm de Deus e os que vêm do Sedutor»⁴⁹.

A partir de dois conceitos – a *exomologese*, definida como o processo de «renúncia do sujeito a si mesmo», e a *exagoreusis*, entendida como a verbalização de si a um mestre –, «não há nada, na vida do monge, que possa escapar da relação fundamental e permanente de obediência absoluta ao mestre»⁵⁰. Neste sentido, Foucault ressalta que

Essa prática, que nasce com o cristianismo, persistirá até o século XVII. [...] A partir do século XVIII e até a época presente, as «ciências humanas» re inseriram as técnicas de verbalização em um contexto diferente, fazendo delas não o instrumento de renúncia do sujeito a si mesmo, mas o instrumento positivo da constituição de um novo sujeito. Que a utilização dessas técnicas tenha cessado de implicar a renúncia a si mesmo constitui uma ruptura decisiva⁵¹.

Há aí uma conexão entre as duas técnicas de si, a pagã e a cristã. Na técnica pagã se dotou o sujeito de verdades, o que exige uma forma peculiar de hermenêutica, produtiva de um tipo de sujeito. Tais técnicas produziram verdades que passaram a ser subjetivadas, formando os códigos que permitiam ao sujeito se reconhecer nelas «por meio do exame que o indivíduo pratica sobre si mesmo, [verificando] se esses princípios governam sua vida»⁵². Tais verdades, com o advento do cristianismo e com algumas modificações, perduram e passam a constituir a interioridade do sujeito. Desta forma, elas não mais são pensadas como elaboração ética, advinda do *êthos*, mas como interioridade do sujeito a ser decifrada. No curso da história que se seguiu, diz Foucault, a «hermenêutica de si se difundiu em toda cultura ocidental, infiltrando-se em inúmeros canais e integrando-se em diversos tipos de atitudes e experiências»⁵³.

Frente aos estudos realizados sobre uma genealogia do sujeito, a partir de suas «escavações» arqueológicas da formação discursiva da Grécia Clássica e do mundo helênico, Foucault, no *Resumo do curso A hermenêutica do sujeito*, conclui que suas pesquisas mostraram

293.

49 FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. Martins Fontes, São Paulo, 2004, 611.

50 FOUCAULT, Michel. «As técnicas de si». In *Ditos e Escritos IX; Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade*, 292.

51 FOUCAULT, Michel. «As técnicas de si». In *Ditos e Escritos IX; Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade*, 296.

52 FOUCAULT, Michel. «As técnicas de si». In *Ditos e Escritos IX; Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade*, 285.

53 FOUCAULT, Michel. «As técnicas de si» In *Ditos e Escritos IX; Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade*, 265.

todo um conjunto de técnicas cuja finalidade é vincular a verdade e o sujeito. Mas é preciso bem compreender: não se trata de descobrir uma verdade no sujeito, nem fazer da alma o lugar em que, por um parentesco de essência ou por um direito de origem, reside a verdade; tampouco se trata de fazer desta verdade aprendida, memorizada, progressivamente aplicada um quase-sujeito que reina soberanamente em nós⁵⁴.

Na formação discursiva cristã, com a verdade interiorizada no sujeito, constitui-se propriamente uma hermenêutica interpretativa, que visa a decifrar o sujeito em sua *natureza* íntima. Tem-se, então, o legado que constitui a base da hermenêutica de si que se difundiu na cultura do Ocidente.

3. Considerações finais

Finalizando e retomando o tema do tipo de hermenêutica praticada por Foucault, pode-se dizer que se trata de uma espécie de *hermenêutica reversa*. Ao invés de interpretar o sujeito, ele analisa as formações discursivas (arqueologia) e as práticas ou técnicas de si (genealogia) pelas quais, da Grécia clássica à modernidade, se constituiu o sujeito com suas verdades e como se constituíram as técnicas hermenêuticas sobre o tal sujeito, assinalando as modificações, descontinuidade, rupturas deste processo.

Pode-se concluir, portanto, que não é propriamente uma hermenêutica, mas uma arqueologia e uma genealogia do sujeito o que Foucault faz. Querendo-se manter o conceito de hermenêutica, mesmo que soe meio estranho, seria uma hermenêutica genealógica. Mas ainda me parece mais adequado falar de uma genealogia do sujeito e uma genealogia da hermenêutica do sujeito. Isto deixa mais claro que Foucault não passou da arqueologia à genealogia e desta para a hermenêutica. Ao contrário, Foucault fez análise arqueológica e genealógica dos processos históricos, no interior das formações discursivas e das práticas históricas pelas quais se criou um sujeito, dotou-se tal sujeito de verdades e, depois, como diz Nietzsche em *Sobre verdade e mentira no sentido extramoral*, esqueceu-se que foi criação humana e, assim, desenvolveram-se técnicas de decifração destas mesmas verdades.

Confrontando-se, em Foucault, a hermenêutica e a questão antropológica, pode-se dizer que ele superou a reduplicação empírico-transcendental do pensamento da modernidade, já denunciado em *As palavras e as coisas*. Sua genealogia e sua arqueologia, ao mesmo tempo que o deslocam da hermenêutica do *Dasein* heideggeriano, deslocam-no também da hermenêutica da linguagem, enquanto interpretação de signos, significantes, significados. Portanto, nem se trata de uma interpretação do *Dasein*, nem de uma interpretação dos signos.

54 FOUCAULT, Michel. Do governo dos vivos, 608.

Estes dois procedimentos figuram como extremidades com relação à genealogia do sujeito, ou de uma possível hermenêutica, desenvolvida por Foucault. No fundo, trata-se do modo histórico-crítico com que Foucault busca as condições de possibilidade da verdade, do sujeito, da conexão entre verdade e sujeito e das técnicas de interpretar, seja um, seja o outro, seja o composto sujeito-verdade, subjetividade-verdade. Penso que se pode conceituar a hermenêutica foucaultiana como hermenêutica crítica, dadas, por um lado, suas confessas relações com a *Crítica* de Kant e, por outro, as características de seus trabalhos em torno do sujeito, cujo intuito claro é antes o de buscar as condições de possibilidade, não o seu fundamento.

Para terminar, aos quatro conjuntos apresentados pelo próprio Foucault, pode-se acrescentar mais um conjunto de técnicas, evidenciadas em suas análises. Além dos conjuntos de técnicas de produção, de significação, de dominação e das técnicas do eu (ou do si), há também o conjunto das técnicas de interpretação (hermenêutica) do si. Mas, por outro lado, talvez se deva manter o conjunto das técnicas de interpretação junto às técnicas do si, pois são elas que tornam mais efetivas as técnicas (constituintes) do si.

4. Bibliografia

- DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. Michel Foucault uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica. Forense Universitária, Rio de Janeiro, 1995.
- FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade II; o uso dos prazeres. Graal, Rio de Janeiro, 1984.
- FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade III; o cuidado de si. Graal, Rio de Janeiro, 1985.
- FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. 5ª ed. Forense Universitária, Rio de Janeiro, 1997.
- FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas. Trad. Salma Tannus Muchail. Martins Fontes, São Paulo, 1999.
- FOUCAULT, Michel. Ditos e escritos II; Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de pensamento. Forense Universitária, Rio de Janeiro, 2000.
- FOUCAULT, Michel. Dits et Écrits, vol I, 1954-1975. Quarto Gallimard, Paris, 2001.
- FOUCAULT, Michel. Dits et Écrits vol II, 1976-1988. Quarto Gallimard, Paris, 2001a.
- FOUCAULT, Michel. A hermenêutica do sujeito. Trad. Salma Tannus Muchail e Márcio Alves da Fonseca. Martins Fontes, São Paulo, 2004.
- FOUCAULT, Michel. Ética, sexualidade, política. Coleção Ditos e Escritos V. Forense Universitária, Rio de Janeiro, 2004a.
- FOUCAULT, Michel. Segurança, território e população. Martins Fontes, São Paulo, 2008.
- FOUCAULT, Michel. Nascimento da biopolítica. Martins Fontes, São Paulo, 2008a.
- FOUCAULT, Michel. Do governo dos vivos. Martins Fontes, São Paulo, 2014.
- FOUCAULT, Michel. Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade. Coleção Ditos e Escritos IX. Forense Universitária, Rio de Janeiro, 2014a.
- FOUCAULT, Michel. Subjetividade e verdade. Martins Fontes, São Paulo, 2016.
- FOUCAULT, Michel. El origen de la hermenéutica de sí; conferencias de Dartmouth, 1980. Siglo Veintiuno Editores, Buenos Aires, 2016a.
- GONÇALVES, Daniel Luís Cidade. *Da obediência à liberdade: a filosofia como um*

- modo de vida em Michel Foucault*. Tese apresentada para obtenção do grau de Doutor em Filosofia. Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2017.
- HEIDEGGER, Martin. Ser e Tempo. Editora da Unicamp; Campinas; Editora Vozes, Petrópolis, 2012.
- KANT, Immanuel. Crítica da razão pura. 5ª ed. Fundação Calouste Gulbrnkian, Lisboa, 2001.
- KRAEMER, Celso. Ética e liberdade em Michel Foucault; uma leitura de Kant. EDUCA; FAPESC, São Paulo, 2011.
- LEAL, Guilherme de Freitas. *Foucault e a filosofia: da crítica do Mesmo à abertura para o Outro*. Tese apresentada para obtenção do grau de Doutor em Filosofia. Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, 2022.
- MUCHAIL, Salma Tannus. Foucault, mestre do cuidado; textos sobre *A hermenêutica do sujeito*. Loyola, São Paulo, 2011.
- NALLI, Marcos. Foucault e a fenomenologia. Loyola, São Paulo, 2006.
- NIETZSCHE, Friedrich. «Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral». In *Obras Incompletas*. Nova Cultura, São Paulo, 1999.
- REIS, Robson Ramos dos; ROCHA, Ronai Pires da (orgs). Filosofia hermenêutica. Editora da UFSM, Santa Maria, 2000.